



Dr. James Dobson

Educando Crianças *geniosas*

Traduzido por
Susana Klason



Editora Mundo Cristo
São Paulo

EDUCANDO CRIANÇAS GENIOSAS
CATEGORIA: COMPORTAMENTO / FAMÍLIA

Copyright © 2004 por James Dobson, Inc.
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Illinois, EUA

Título original: The new strong-willed child

Gerência editorial: Silvia Justino

Preparação de texto: Rodolfo Ortiz

Revisão: Theófilo Vieira

Finalização: Aldo Menezes

Supervisão de produção: Lilian Melo

Capa: Douglas Lucas

Crédito da imagem: Whitney Bushman

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dobson, James

Educando crianças geniosas / James Dobson; traduzido por Susana Klassen. –
São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

Título original: The new strong-willed child

Bibliografia.

ISBN 85-7325-433-5

1. Crianças — Criação 2. Disciplina infantil 3. Pais e filhos 4. Psicologia infantil I. Título.

06–2388

CDD–649.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Crianças: Criação: Vida familiar 649.1

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão
Rua Antonio Carlos Tacconi, 79 — CEP 04810-020 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em setembro de 2006.

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

06 07 08 09 10 11 12

SUMÁRIO

<i>Agradecimento</i>	4
<i>Prefácio</i>	5
1. A vontade indomável e ingênua	11
2. Histórias de mães	23
3. Por que elas são assim?	45
4. Moldando a vontade	61
5. Protegendo o espírito	77
6. O erro mais comum	89
7. Adequando a disciplina às necessidades da criança	105
8. O castigo físico e a criança geniosa	131
9. Irmãos ofendidos e irmãs emburradas	155
10. O adolescente genioso (existe algum outro tipo?)	169
11. Lidando com a criança portadora de TDAH	209
12. Uma palavra final de estímulo	229

*Este livro é dedicado com carinho a minha falecida mãe,
que foi abençoada com uma compreensão extraordinária da infância.*

*Ela entendeu, intuitivamente, o significado da disciplina
e me ensinou vários dos princípios apresentados nesta obra.*

*Como todos podem ver claramente, também me deu
excelente educação. Resta, contudo, uma pergunta que
sempre me deixou perplexo: Por que minha mãe,
tão intrépida, tornou-se manipulável e permissiva
assim que a tornamos avó?*

PREFÁCIO

Em 1978, quando foi publicada a primeira edição de *Educando crianças geniosas*, em inglês, eu acabara de dar um passo importante em minha carreira. Eu pedira demissão do corpo docente da Escola de Medicina da University of Southern California, onde atuei como professor clínico adjunto de pediatria por vários anos. Minha decisão de deixar esse cargo tão gratificante resultou da consciência cada vez maior de que a família como instituição estava se deteriorando — e de que eu precisava fazer todo o possível para ajudar a preservar o núcleo familiar. Assim, deixei o meu ninho seguro e criei uma pequena organização sem fins lucrativos chamada Focus on the Family. Para dizer a verdade, fiquei imaginando se alguém nos procuraria.

Mais de 25 anos depois, o programa de rádio de nossa organização tem uma audiência diária de 220 milhões de pessoas, em 7300 estações de rádio, em 122 países. Nossa equipe é constituída de 1400 membros igualmente comprometidos com a preservação da família. Mais de 200 mil ouvintes e leitores telefonam ou escrevem a cada mês e muitos deles fazem perguntas sobre como educar filhos de modo a serem saudáveis e bem-ajustados.

Hoje, quando encontro essas mães e pais cuja vida tocamos ao longo dos anos, alguns deles sorriem e contam histórias sobre seus filhos, outros me abraçam e noto alguns olhos se encherem de lágrimas. Muitos dizem: “Obrigado por me ajudar a educar meus filhos”. Ser capaz de prestar assistência a essas pessoas especiais durante os anos em que estão criando seus filhos é uma das maiores satisfações da minha vida, tanto pessoal quanto profissional.

Um dos meus primeiros projetos ao qual me dediquei depois de deixar o meio acadêmico, em 1977, foi a versão original deste livro. Como o título indica, o texto tratava dos temperamentos básicos de meninos e meninas e daquilo que influencia as crianças a agirem de determinadas maneiras. Uma característica que considero particularmente interessante é o que chamo de “intensidade volitiva”. Algumas

crianças parecem nascer com uma natureza tranqüila e dócil, e é uma alegria educá-las. Quando bebês, não choram com frequência, dormem a noite inteira a partir da segunda semana, fazem ruídos bonitinhos quando vêem os avós, sorriem enquanto as fraldas são trocadas e são extremamente pacientes quando o jantar atrasa. E, é claro, nunca vomitam a caminho da igreja. À medida que crescem, tornam-se crianças que fazem questão de manter o quarto arrumado e gostam demais de fazer as lições da escola. Tenho a impressão de que essas crianças superdóceis constituem uma minoria, mas se sabe de sua existência em alguns lares (não foi o caso no nosso).

Assim como algumas crianças são naturalmente dóceis, outras parecem ser rebeldes desde o instante em que saem do ventre materno. Vêm ao mundo fumando um charuto e reclamando aos brados sobre a temperatura da sala de parto, a incompetência das enfermeiras e o trabalho dos médicos. Muito antes de seus filhos nascerem, as mães de crianças geniosas sabem que algo diferente está acontecendo em seu interior, pois é como se os bebês tentassem gravar suas iniciais nas paredes do útero. Quando ainda pequenas, essas crianças ficam indignadas se a mamadeira demora e exigem permanecer no colo o dia inteiro. Sua hora predileta de brincar é às três da manhã. Mais tarde, quando aprendem a andar, resistem a todas as formas de autoridade e sua maior alegria é “pintar” o carpete com a maquiagem da mamãe ou jogar o gato da família no vaso sanitário e puxar a descarga. Os pais frustrados se perguntam onde erraram e por que a experiência de educar uma criança é tão diferente daquilo que esperavam. Precisam encarecidamente de um pouco de orientação sobre o que fazer dali para frente.

Essa foi a premissa básica do meu livro em 1978. No entanto, desde então, os anos voaram e as crianças obstinadas sobre as quais escrevi cresceram e completaram a jornada emocionante da infância para a adolescência, e desta para a idade adulta. Hoje, a maioria tem os próprios filhos geniosos, o que, aliás, é um tanto cômico. Quando eram crianças, provocavam crises nervosas nos pais, mas agora *o feitiço virou contra o feiticeiro*. Esses pais e mães de primeira viagem estão recebendo o troco e merecem tudo o que seus filhos estão fazendo para deixar seus nervos em frangalhos. Os pais deles, para os quais escrevi o primeiro livro, provavelmente se tornaram avós manipuláveis e permissivos, exatamente como aconteceu com minha mãe maravilhosa quando a fizemos avó. E assim o ciclo da vida continua, de geração em geração, cada membro da família desempenhando uma parte determinada que parece absolutamente inédita, mas que, na verdade, tem suas raízes nos tempos mais remotos.

Assim, volto com grande satisfação a este assunto que tem me fascinado ao longo de toda minha vida. Quase três milhões de cópias de *Educando crianças*

geniosas foram vendidas em dezenas de idiomas. Nos últimos tempos, porém, percebi claramente a necessidade de revisar o manuscrito. Uma grande quantidade de informações surgiu desde que coloquei minhas idéias no papel (sim, no papel — escrevi o primeiro original a lápis em blocos de papel amarelo, por vezes juntando uma folha a outra com fita adesiva, resultando em um rolo que, em algumas ocasiões, chegou a ter mais de quinze metros de comprimento. Por algum motivo inexplicável, só comecei a usar computador quase no final do século XX).

Por que este livro precisava ser reorganizado mais de 25 anos depois? Certamente não é porque a natureza das crianças mudou desde os anos 1970. As crianças ainda são crianças. Esta revisão se deve ao fato de que o conhecimento científico acerca do temperamento inato dos pequeninos é muito maior nos dias de hoje do que o era duas ou três décadas atrás. Algumas das descobertas mais recentes são resultantes de pesquisas minuciosas realizadas na área do desenvolvimento infantil. Ao longo deste livro, apresento conclusões de tais estudos. As pesquisas sobre Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ou simplesmente “hiperatividade”, como esse distúrbio costumava ser chamado, estavam dando seus primeiros passos quando comecei a escrever. Naquele tempo, sabia-se pouco sobre esse distúrbio e menos ainda sobre como lidar com ele. Diante destes e outros acontecimentos, é chegada a hora de reconsiderarmos a criança geniosa e a melhor maneira de educá-la. No entanto, não estou negando de maneira alguma a minha tese fundamental, pois esse intervalo serviu apenas para validar os princípios que descrevi quando ainda era um jovem psicólogo e professor.

O outro motivo pelo qual decidi revisar *Educando crianças geniosas* é que, nesse intervalo de vários anos, tive a oportunidade de trabalhar com muitas famílias e comparar as abordagens que funcionam com aquelas que claramente não dão certo. Essas experiências encontram-se entretecidas nesta edição na esperança de que sejam uma ajuda e um estímulo para os pais de hoje e das próximas gerações. Quem sabe as meninas e os meninos rebeldes que estão desafiando os pais hoje leiam estas palavras num futuro distante, buscando desesperadamente algum conselho sobre como lidar com os próprios filhos geniosos. Espero que sim.

Para começar, devemos reconhecer que educar meninos e meninas pode ser uma tarefa difícil, especialmente nos dias de hoje quando a cultura compete ferozmente com os pais pelo coração e pela mente das crianças. A fim de educá-las corretamente, é preciso ter a sabedoria de Salomão e a determinação de um campeão olímpico. Todo mundo sabe que esse trabalho parece muito mais fácil do que na verdade é. Pais excessivamente seguros de si, especialmente os novatos, me fazem lembrar de um homem jogando golfe pela primeira vez. Ele pensa com seus botões: *Vai ser fácil. Você só precisa lançar aquela bolinha branca na direção da*

bandeira. Então, ele vai até o lugar onde está a bola, move seu bastão para trás e, quando acerta “aquela bolinha branca”, ela se desvia uns três metros para a esquerda. *Talvez*, pensa ele, *eu precise acertar com mais força. É isso o que um campeão faz*. Porém, quanto mais ele tenta lançar a bola na direção certa, mais longe do buraco ela vai parar. O mesmo acontece quando se procura educar uma criança. Os pais que são abençoados com filhos geniosos têm diante de si obstáculos de todo tipo. O que esses pais e mães precisam é de uma boa “estratégia de jogo” para encarar os desafios que inevitavelmente terão de enfrentar dentro de casa. Sem uma estratégia desse tipo, acabarão vagando de um lado para o outro, numa sucessão de tentativas e erros.

Veja, por exemplo, a experiência de um amigo meu que foi piloto amador na juventude. Certa vez, resolveu fazer um vôo panorâmico e voltar no final da tarde para o pequeno aeroporto de sua cidade no interior. Para sua infelicidade, demorou demais a retornar; quando chegou às imediações do aeroporto, o sol já estava se pondo atrás das montanhas. Depois de manobrar o avião para colocá-lo em posição de aterrissagem, não conseguia mais visualizar a pista. Não havia ninguém trabalhando no aeroporto nem luzes para guiar o jovem piloto. Ele deu uma volta sobre a pista tentando descer, mas, a essa altura, a escuridão havia se tornado mais espessa. Durante duas horas desesperadoras ele voou em círculos nas trevas, sabendo que provavelmente morreria quando ficasse sem combustível. Então, no auge do pânico, aconteceu um milagre. Alguém no solo ouviu o barulho incessante do motor do avião e percebeu que o piloto devia estar em apuros. Num gesto de compaixão, um homem dirigiu seu carro pela pista do aeroporto várias vezes para mostrar ao meu amigo a sua localização. Em seguida, estacionou na cabeceira, iluminando parte da pista com os faróis do carro enquanto o avião aterrissava.

Hoje, quando estou num avião comercial aterrissando à noite, lembro-me dessa história. Ao olhar para frente, vejo luzes verdes dos dois lados da pista que indicam o rumo para o piloto. Se ele permanecer nos limites internos dessas luzes, não terá grandes dificuldades. Mas o resultado pode ser catastrófico se ocorrer de se desviar para a esquerda ou para a direita.

O mesmo acontece com a educação da criança. Os pais precisam de alguma sinalização na pista — marcos que sejam confiáveis — para iluminar a região segura entre os extremos. Dois desses princípios norteadores são, simplesmente, *amor* e *controle*. Se forem compreendidos e aplicados corretamente por pais e mães, a relação com os filhos tem tudo para ser saudável — apesar dos erros e das fraquezas inevitáveis. Mas cuidado! Em geral é difícil manter o equilíbrio entre amor e controle quando lidamos com uma criança geniosa. A tentação é cair em um dos extremos — raiva descontrolada e opressão ou permissividade e falta de envol-

vimento. Isso porque as batalhas constantes que essas crianças provocam podem transformar a mãe ou o pai num tirano que ordena tudo aos brados, ou numa figura passiva, que coloca as rédeas nas mãos da criança. Há perigos para os jovens dos dois lados da “pista”. Se a aeronave dos pais aterrissar antes ou depois da pista, aterrissará aos solavancos num milharal; as conseqüências são imprevisíveis. Falaremos mais sobre isso adiante.

Assim, o propósito deste livro — tanto em sua versão original quanto nesta revisão — é oferecer essas e outras orientações que contribuirão para uma educação competente. Trataremos especificamente da questão da disciplina em sua relação com as crianças independentes, que representam um desafio maior para essa educação.

A esta altura, basta dizer que as recompensas para os pais que cumprem com eficiência sua tarefa de educar os filhos fazem valer a pena todo sangue, suor e todas as lágrimas investidos no processo. Meus filhos estão crescidos, mas aquilo que são hoje representa, para mim, a realização mais gratificante de minha vida.

Portanto, mãos à obra. Meu desejo é que este nosso estudo ajude a iluminar a pista para os pais que estão tentando guiar seus filhos em meio à escuridão.

A VONTADE INDOMÁVEL E INGÊNUA

Houve um tempo em que o lar dos Dobsons era formado por uma mãe, um pai, um menino e uma menina, um hamster, um periquito, um peixe-dourado solitário e dois gatos terrivelmente neuróticos. Vivíamos todos juntos em relativa harmonia, com poucos conflitos e contendas. No entanto, havia outro membro da família menos sociável e cooperativo. Era um cão da raça *dachshund*, que pesava pouco mais de cinco quilos. Seu nome: Sigmund Freud (Siggie). Esse cão acreditava sinceramente ser o dono da casa. Alguém me disse que todos os cães dessa raça costumam ser independentes, mas Siggie era um revolucionário incorrigível. Não era maldoso ou cruel; apenas queria mandar em tudo — e, ao longo de toda a vida dele, nós dois brigamos pelo poder.

Além de ser obstinado, Siggie não fazia coisa alguma para ajudar. Não trazia o jornal para dentro nas manhãs de inverno; recusava-se a buscar a bola que as crianças jogavam para ele; deixava uma porção de roedores atacarem o jardim; e não fazia nenhum dos truques habituais que os cachorros mais educados gostam de apresentar. O mais triste é que Siggie se recusava a colaborar com todos os programas de auto-aperfeiçoamento que eu criava para ele. Contentava-se apenas em andar de um lado para o outro, fazendo xixi aqui e ali, cheirando e latindo para tudo o que se movia.

Sigmund nem sequer era um bom cão de guarda. Esse fato foi confirmado na noite em que alguém entrou no quintal às três da manhã. Despertei subitamente de um sono profundo, saí da cama, apalpando móveis e paredes para não acender nenhuma luz. Sabia que havia alguém no pátio, e Siggie também sabia, pois o covarde estava encolhido atrás de mim! Depois de ouvir as batidas ensurdecedoras do meu próprio coração por alguns minutos, estendi a mão para virar a maçaneta da porta dos fundos. Naquele instante, o portão do quintal abriu e fechou quase sem nenhum ruído. Alguém havia ficado ali parado, a pouco mais de um metro de mim, e, agora, estava fuçando na minha garagem. Siggie e eu tivemos uma

conversa na escuridão e decidimos que ele devia sair e investigar o que estava acontecendo. Abri a porta dos fundos e ordenei: “Pega, Siggie!”. Mas ele nem se moveu. Estava tão assustado e trêmulo que não consegui sequer empurrá-lo para fora. Com todo o barulho e confusão que seguiram, o invasor fugiu (para satisfação tanto do cão quanto de seu dono).

Por favor, não me entenda mal: Siggie era um membro da família e tínhamos grande afeição por ele. Apesar de sua natureza caótica, finalmente consegui ensiná-lo a obedecer a algumas ordens simples. No entanto, nós dois travamos algumas batalhas históricas antes que ele se sujeitasse relutantemente a minha autoridade. O maior confronto ocorreu depois que passei três dias num congresso em Miami. Quando voltei, percebi que na minha ausência Siggie havia se tornado o chefe da casa. No entanto, só mais tarde, naquela mesma noite, me dei conta de como ele estava levando a sério o novo posto de capitão.

Às onze da noite, mandei Siggie para a cama, que ficava num canto da sala de televisão. Durante seis anos, havia lhe dado essa mesma ordem todos os dias e, durante seis anos, ele havia obedecido. Naquela ocasião, porém, ele recusou se mover. Ele estava no banheiro, sentado confortavelmente na tampa do assento do vaso sanitário. Aquele era seu lugar predileto da casa, pois lhe permitia desfrutar o calor de um aquecedor que ficava ali perto. A propósito, Siggie havia descoberto do jeito mais difícil como era extremamente importante que *a tampa estivesse fechada* antes de ele pular. Nunca me esquecerei da noite em que ele aprendeu essa lição. Estava frio, e ele entrou correndo em casa, deu um salto enorme — e quase se afogou antes que conseguíssemos tirá-lo de dentro do vaso.

Na noite da nossa grande batalha, ordenei que Sigmund saísse de seu assento quentinho e fosse para cama. Em vez de obedecer, ele abaixou as orelhas e virou a cabeça lentamente em minha direção. Assumiu uma posição de atenção, colocando uma pata na beirada do assento, encurvando as costas e levantando os lábios para mostrar os molares dos dois lados da boca e emitiu seu rosnado mais ameaçador. Aquele era o jeito de ele dizer: “Cai fora!”.

Eu já havia visto essa atitude desafiadora antes e sabia como tratar dela. A única maneira de fazer Siggie obedecer era ameaçá-lo com sua possível aniquilação. Nada mais funcionava. Dei meia volta e fui ao armário, de onde tirei um cinto que poderia me ajudar a “arrazoar” com o velho Sig. De acordo com minha esposa, que estava só observando o desenrolar do drama, assim que saí do banheiro, Siggie pulou do assento e foi para o corredor a fim de ver onde eu havia ido. Depois, veio por trás dela e rosnou.

Quando voltei, levantei o cinto e mandei o cão zangado para a cama outra vez. Uma vez que ele não se moveu, bati-lhe no traseiro e ele tentou morder o

cinto. Bati novamente e ele tentou *me* morder. O que se seguiu é indescritível. Aquele cachorro minúsculo e eu travamos a batalha mais terrível de todos os tempos entre homem e animal. Nós dois corremos para cima e para baixo, arranhando e rosnando. Até hoje fico envergonhado só de lembrar daquela cena. Aos poucos, consegui forçá-lo em direção à sala de televisão e para o canto onde ficava a sua cama. Numa derradeira manobra desesperada, Siggie pulou no sofá e se postou no canto rosnando sem parar, encenando um ato final de resistência. Por fim, consegui colocá-lo na cama, não porque ele cedeu, mas pelo simples fato de eu ser muito mais pesado do que ele!

Na noite seguinte, eu esperava outro combate encarniçado na hora de Siggie ir para cama. Para minha surpresa, porém, ele aceitou minha ordem sem nenhuma discussão ou queixa e simplesmente se dirigiu a passos rápidos para a sala de televisão, na mais perfeita submissão. Depois disso, Siggie e eu nunca mais tivemos outro confronto violento.

Vejo claramente que, naquela noite, Siggie estava dizendo a seu modo canino: “Acho que você não é durão o suficiente para me obrigar a lhe obedecer”. Talvez eu pareça estar humanizando o comportamento de um cachorro, mas creio que não. Os veterinários afirmam que algumas raças de cães, especialmente dachshunds e cães pastores, não aceitam a liderança de seus donos até que a autoridade humana tenha passado por uma prova de fogo e se mostrado digna de ser acatada. Foi essa mensagem que deixei clara para Siggie em nosso embate decisivo, e, até o fim da vida dele, fomos bons amigos.

Este não é um livro sobre como disciplinar cães. No entanto, um aspecto importante da minha história é extremamente relevante para o universo das crianças. Da mesma forma que o cão desafia ocasionalmente a autoridade do dono, a criança tem a tendência de desafiar a autoridade dos adultos, só que com mais frequência. Não se trata de uma observação trivial, pois representa uma característica da natureza humana da qual vários especialistas autores de livros sobre disciplina não parecem estar cientes. Quando escrevi a primeira edição deste livro em 1978, não havia praticamente nenhuma literatura para pais ou professores que reconhecesse devidamente essa luta — o confronto de vontades — de que as crianças geniosas parecem gostar tanto. Para elas, a liderança adulta raramente é aceita sem nenhuma contestação. Esse é um aspecto frustrante da educação infantil que a maioria dos pais tem de descobrir por si própria.

A HIERARQUIA DE FORÇA E CORAGEM

Por que, então, algumas crianças, especialmente as geniosas, são dotadas de temperamento tão belicoso? Uma das respostas simplistas (o capítulo 3 oferece uma

explicação mais completa) é que essa atitude reflete a admiração que os meninos e as meninas nutrem pela força e pela coragem. De vez em quando desobedecem às ordens dos pais com o propósito definido de testar a determinação daqueles que estão no controle. Isso porque, para as crianças, é extremamente importante saber “quem é mais durão”. Esse conceito explica, em parte, a popularidade dos heróis — Robin Hood e Tarzã, Homem-Aranha e Super-Homem — no folclore infantil. Também explica por que, com freqüência, as crianças gostam de contar vantagem: “Meu pai consegue bater no seu pai!” (Ao que uma criança respondeu: “Grande coisa, minha mãe também consegue bater no meu pai!”)

Quando uma criança se muda para uma escola ou vizinhança nova, normalmente precisa brigar (verbal ou fisicamente) para se posicionar dentro da hierarquia de força. Esse respeito pelo poder e pela coragem também leva as crianças a quererem saber quão valentes são seus líderes. Assim, quer você seja pai, mãe, chefe escoteiro, motorista de ônibus escolar, professor, etc., mais cedo ou mais tarde uma das crianças sob sua autoridade vai cerrar seus pequenos punhos e chamar você para uma briga. Como Siggie na hora de dormir, dirá a sua maneira: “Acho que você não é durão o suficiente para me obrigar a obedecer”. É melhor você estar preparado para provar o contrário naquele mesmo instante, ou esse desafio se repetirá indefinidamente.

Crianças pequenas têm uma habilidade surpreendente para fazer esse jogo de provocação, que chamo de “Desafio ao Manda-Chuva”. Um pai me contou que levou a filha de três anos de idade para assistir a um jogo de basquete. É evidente que a criança estava interessada em tudo o que se passava no ginásio, menos na competição esportiva. O pai deixou que ela andasse livremente e subisse nas arquibancadas, mas estabeleceu limites para o quanto ela poderia se distanciar. Pegou-a pela mão e levou-a até uma linha pintada no piso do ginásio. “Você pode brincar em qualquer lugar ao redor, Janie, mas não pode passar desta linha”, explicou à menina. Assim que o pai voltou para o seu lugar, a garotinha correu em direção à área proibida. Parou no limite demarcado pela linha por um momento, olhou por sobre o ombro para o pai, deu um sorrisinho para ele e deliberadamente colocou um dos pés sobre a linha, como que para lhe dizer: “E aí, o que você vai fazer?”. Quase todas as mães e pais no mundo já foram confrontados com essa pergunta em algum momento.

A raça humana como um todo sofre da mesma tendência de rebeldia obstinada demonstrada por essa garotinha de três anos de idade. O comportamento dela no ginásio não é tão diferente da insensatez de Adão e Eva no jardim do Éden. Deus havia lhes dito que podiam comer qualquer coisa do jardim, com exceção do fruto proibido (“não ultrapassem esta linha”). E, no entanto, eles desafiaram a

autoridade do Deus Todo-Poderoso desobedecendo deliberadamente a sua ordem. Talvez essa tendência à obstinação seja a essência do pecado original que se infiltrou na raça humana. Sem dúvida, isso explica por que enfatizo tanto uma reação correta à rebeldia obstinada na infância; essa rebeldia pode lançar sementes de tragédias futuras. Na fase turbulenta da adolescência, a erva daninha que cresce dessa semente se torna um emaranhado de espinhos.

Quando os pais se recusam a aceitar o desafio provocador de seu filho, algo muda no relacionamento. A criança começa a olhar para eles com desrespeito, como se não fossem dignos de sua obediência. Mais importante ainda, ela se pergunta por que eles permitem que ela faça coisas tão prejudiciais se a amam de verdade. O maior de todos os paradoxos da infância é que meninos e meninas desejam ser guiados por seus pais, mas insistem que estes precisam conquistar o direito de guiá-los.

Para os leitores que nunca viveram esse confronto, deixe-me descrever a constituição típica de uma criança obstinada. Ao nascer, o bebê dá a impressão enganosa de ser parecido com a irmã ou o irmão mais dócil. Pesa em torno de três quilos e é totalmente dependente daqueles que cuidam dele. Aliás, não sobreviveria mais do que um dia ou dois sem a atenção deles. Braços e pernas minúsculos e inúteis se movem em todas as direções sem controle algum, como se Deus tivesse resolvido acrescentá-los de improviso. Que retrato perfeito de vulnerabilidade e inocência!

Diante desse começo, não é incrível o que acontece num curto período de vinte meses? A essa altura, o garotinho já pesa mais de onze quilos e não vê a hora de entrar em ação! Essa criança, que menos de dois anos antes nem sequer conseguia segurar a própria mamadeira, agora tem a audácia de olhar para o pai de noventa quilos e dizer na cara dele para “se mandar”! Haja atrevimento! É evidente que algo muito profundo dentro dessa alma deseja ter o controle. E, pelo resto de sua vida, fará de tudo para obtê-lo.

Quando nossos filhos eram pequenos, morávamos perto de um desses “pimentinhas”. Na época, ele estava com três anos de idade e já deixava a mãe completamente arrasada e desnorteada. A competição de vontades havia chegado ao fim. Ele havia vencido. A maneira insolente como falava com a mãe e com qualquer outra pessoa que lhe atravessasse o caminho era lendária na vizinhança. Então, certo dia, minha esposa viu o garotinho sair para a rua com seu triciclo, deixando a mãe em pânico. Morávamos numa curva, por onde os carros passavam em alta velocidade. A mulher saiu correndo de casa e conseguiu pegar o filho enquanto ele pedalava pela rua. Ela agarrou o triciclo pelo guidão para redirecioná-lo e o guidão se soltou.

“Tire suas mãos nojentas do meu triciclo!”, gritou o menino, os olhos quase fechados de tanta raiva. Enquanto Shirley olhava sem poder acreditar, a mãe fez o que ele mandou. A vida do filho estava em perigo e, no entanto, essa mãe não teve coragem de obrigá-lo a obedecer. O menino continuou seu caminho rua abaixo enquanto a mãe o seguia, esperando que nada de mal acontecesse.

Como é possível um garotinho de três anos intimidar desse jeito a mãe de trinta anos? É evidente que ela não fazia idéia de como lidar com o filho. O menino simplesmente era mais valente do que ela — e os dois sabiam disso. Essa mulher pacata havia gerado um filho birrento que estava disposto a brigar com qualquer um que o contrariasse e, com certeza, esgotava as forças físicas e emocionais da mãe com suas piraças. Perdemos o contato com essa família, mas não tenho dúvidas de que a adolescência do “pimentinha” foi um terror.

UMA LIÇÃO NO SUPERMERCADO

Ao pensar sobre as características de crianças dóceis e rebeldes, procurei uma ilustração que deixasse claros os impulsos totalmente distintos dos temperamentos humanos. Descobri uma analogia apropriada em um supermercado. Imagine-se fazendo compras, empurrando seu carrinho por um dos corredores do mercado. Você empurra o carrinho de leve e ele desliza três metros adiante e vai parando aos poucos. Você o acompanha alegremente, enchendo-o de caixas, latas e pacotes. É fácil fazer compras quando, mesmo lotado de produtos, o carrinho pode ser dirigido com um dedo só.

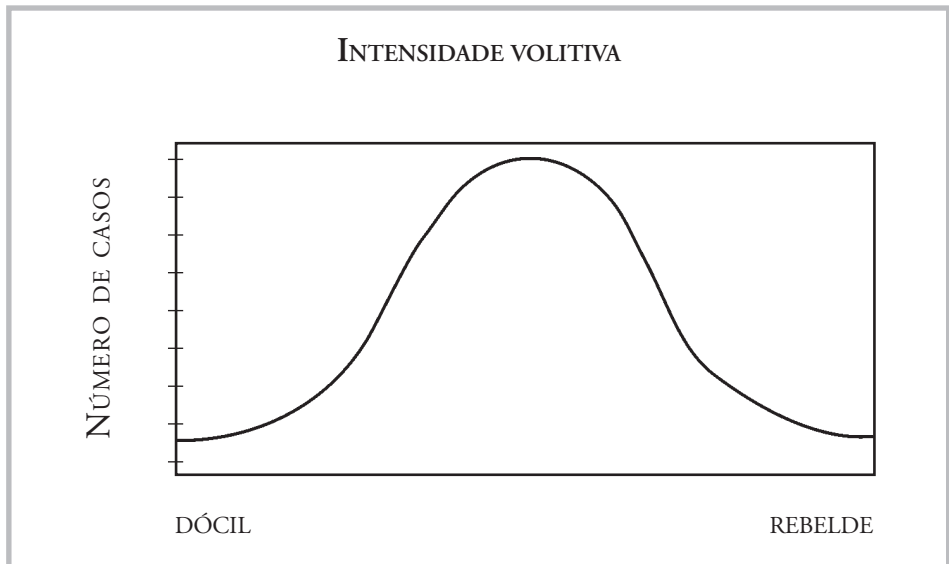
Mas ir ao supermercado nem sempre é uma experiência tão prazerosa. Às vezes, você escolhe um carrinho que estava parado na frente do supermercado com um ar agourento, só esperando você chegar. Quando você empurra o trambolho para frente, ele vira para a esquerda e derruba uma pilha de garrafas. Você se recusa a ser vencido por um carrinho vazio e coloca todo o seu peso na barra horizontal, agarrando-se a ela numa luta desesperada para manter o veículo no rumo certo. Ele parece ter personalidade própria e foge rumo às caixas de ovos, virando-se em seguida na direção de uma vovó assustada. Você está tentando realizar a mesma tarefa que concluiu com tanta facilidade na semana anterior; hoje, porém, parece mais uma operação militar. Quando chega a hora de arrastar o carrinho insistentemente para o caixa, você está exausto.

Qual a diferença entre os dois carrinhos de supermercado? Fica claro que um deles tem rodas bem alinhadas e lubrificadas que vão para onde são dirigidas. O outro tem rodas tortas e enroscadas que se recusam a funcionar.

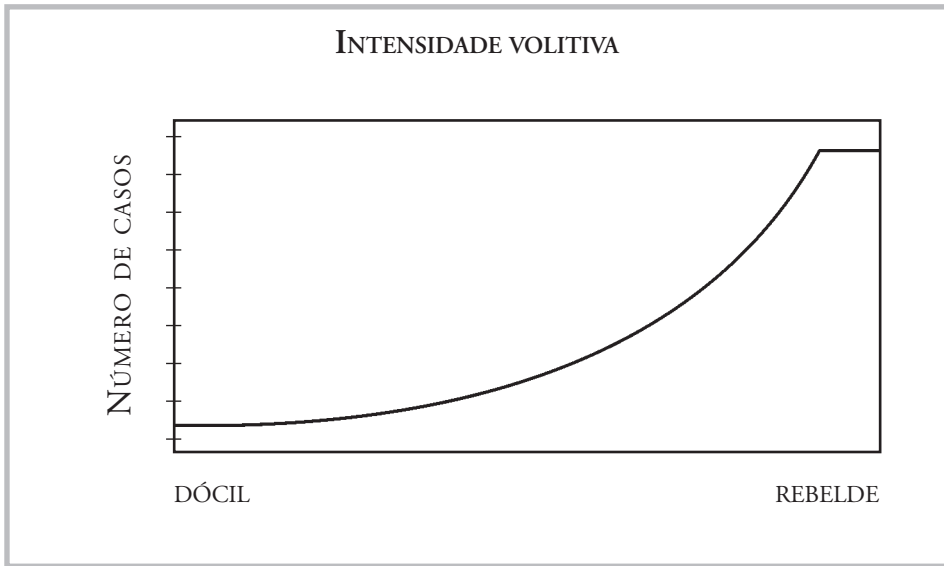
Entendeu? Convenhamos: algumas crianças têm rodas tortas! Não querem ir para onde estão sendo conduzidas, pois sua própria disposição as leva para outras

direções. Além disso, para fazer o carrinho se mover, a mãe e o pai que o empurra precisam gastar sete vezes mais energia do que no caso do carrinho com as rodas bem alinhadas. (Apenas os pais de crianças geniosas conseguem compreender plenamente o significado desta ilustração.)

No entanto, de que maneira a intensidade volitiva é distribuída entre as crianças? Parti do pressuposto de que esse aspecto do temperamento humano pode ser representado num gráfico pela curva de Gauss. Em outras palavras, presumi que um número relativamente pequeno de crianças bastante dóceis se encontra representado em um dos extremos da linha e que um número igualmente pequeno de jovens rebeldes se encontra representado no outro extremo da linha. O restante, que constitui a maioria, provavelmente se encaixa em algum lugar entre os dois extremos, da seguinte maneira:



No entanto, depois de falar com pelo menos uns cem mil pais transtornados, estou convencido de que minha suposição inicial estava errada. A distribuição verdadeira provavelmente é mais parecida com o gráfico da página seguinte. Não tome essa observação muito ao pé da letra. Talvez apenas *pareça* que quase todas as crianças na primeira infância são anarquistas incorrigíveis. Além disso, há um fenômeno associado que envolve a relação entre irmãos, algo que nunca consegui explicar. Quando há duas crianças na família, o mais provável é que uma seja dócil



e a outra rebelde. Ninguém sabe ao certo por que isso acontece. As duas nasceram dos mesmos pais, mas são tão diferentes que parecem ter vindo de dois planetas distintos. Uma abraça você; a outra lhe chuta a canela. Uma é naturalmente amável; a outra parece um rio de lava incandescente. Uma obedece às ordens; a outra dá as ordens. Fica evidente que cada uma está dançando conforme uma música diferente.

O ex-presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt foi sem sombra de dúvida uma criança geniosa e tornou-se um adulto genioso. Certa vez, ainda menino, passou um fio no topo de uma escadaria, onde não podia ser visto. Como ele havia previsto, sua babá subiu as escadas carregando a bandeja com o jantar, tropeçou no fio e levou um tombo espetacular. Não se sabe qual foi o castigo que ele recebeu por essa travessura. Sabe-se, porém, que Franklin mandava em todos os colegas e que sempre queria vencer em tudo. Quando foi repreendido pela maneira como tratava as outras crianças, respondeu: “Mas, mãe, se eu não desse as ordens, ninguém faria nada”.¹ Eis aí uma criança geniosa.

As diferenças de temperamento freqüentemente criam problemas sérios de relacionamento na família. A criança geniosa precisa ser disciplinada constantemente e é sujeitada a uma porção de ameaças e sermões, enquanto o seu irmão angelical, o Lindinho da Mamãe, lustra a auréola e se refestela na aprovação dos

¹Jon MEACHAM, *Franklin and Winston: an intimate portrait of an epic friendship*. New York: Random House, 2003, p. 15.

pais. Os dois são colocados um contra o outro pela própria natureza de suas personalidades divergentes e pode acontecer de passarem a vida inteira se desentendendo. (O capítulo 9 apresenta sugestões específicas para o problema da rivalidade e do conflito entre irmãos.)

Descrevi nos parágrafos anteriores como as crianças mais duronas abordam a vida. Observemos rapidamente a criança mais tranqüila que passa a maior parte do tempo tentando agradar aos pais. Na verdade, ela precisa do louvor e da aprovação deles; assim, sua personalidade é fortemente influenciada por esse desejo de receber afeição e reconhecimento da parte dos pais. Uma palavra que expresse desprazer ou mesmo um olhar de reprovação dos pais é suficiente para perturbá-la. Sua disposição é para amar, e não para brigar.

Alguns anos atrás, conversei com a mãe de uma dessas crianças amáveis. Estava preocupada com as dificuldades que seu filho vinha enfrentando na escola maternal. O menino estava sendo intimidado por crianças mais agressivas, mas não fazia coisa alguma para se defender. Assim, todas as tardes, quando a mãe ia buscá-lo na escola, ele havia sido ameaçado ou havia apanhado de outros meninos. Até as meninas o perseguiam.

“Você precisa se defender”, a mãe lhe dizia repetidamente. “Essas crianças vão continuar maltratando-o, a menos que você as faça parar!”

Todos os dias, ela estimulava seu filho carinhoso a ser mais agressivo, mas o que ela estava pedindo era contrário à natureza dele. Por fim, a frustração do garotinho foi tanta que ele começou a criar coragem de seguir o conselho da mãe. Certa manhã, enquanto ela o levava à escola, ele disse: “Mãe, se aquelas crianças me perturbarem hoje de novo, eu... eu... eu... vou dar uma surra nelas! Mas só de leve...”.

Como surrar alguém “de leve”? Não faço idéia, mas para esse menino dócil era perfeitamente possível. Ele não queria usar de nenhuma força além daquela que fosse absolutamente necessária para sobreviver, pois sua natureza era pacífica. Seus pais não o ensinaram a ser assim. Era algo que se encontrava arraigado em sua psique.

Devo deixar claro que a criança dócil não é necessariamente covarde ou fraca. Esse fato é de grande importância para a nossa compreensão de sua natureza e de como essa criança difere de seu irmão genioso. A distinção entre eles não é questão de autoconfiança, disposição de correr riscos, personalidades espirituosas ou quaisquer outras características desejáveis. Antes, a questão que estamos considerando aqui diz respeito a sua intensidade volitiva — à tendência de algumas crianças de resistir à autoridade e determinar o próprio rumo, em comparação a outras crianças que se mostram dispostas a ser conduzidas. Esses temperamentos, a meu ver,

formam-se antes do nascimento; portanto, não precisam ser cultivados nem estimulados e aparecem logo cedo.

A propósito, certas crianças possuem outra categoria de temperamento que alguns pais reconhecem de imediato. Não são crianças verdadeiramente geniosas — ou, pelo menos, sua assertividade não é expressada da mesma forma. Sua distinção não diz respeito à independência ou à agressividade; antes, é de ordem tática. Crianças assim quase nunca desafiam a autoridade dos pais ou professores ostensivamente, mas, ainda assim, são obstinadas. Eu as chamo de “furtivas”. Os adultos pensam que essas crianças estão obedecendo tranqüilamente, quando, na verdade, dentro delas há um processo de subversão em andamento. Quando ninguém está olhando, elas quebram as regras e ultrapassam os limites. Quando são flagradas, como sempre acaba acontecendo, elas podem mentir ou racionalizar para ocultar as provas. A abordagem apropriada para lidar com essas crianças não é muito diferente daquela para lidar com a criança geniosa. Mais cedo ou mais tarde, é de esperar que suas atitudes geniosas virão à tona — o que normalmente ocorre durante a adolescência. Então, o negócio é trancar as portas e esconder as chaves.

Encerrarei este capítulo introdutório com mais duas observações para os pais que estão educando filhos geniosos. Em primeiro lugar, é bastante comum que eles se sintam culpados e se condenem. Estão se esforçando ao máximo para ser bons pais, mas a luta pelo controle que acontece diariamente em sua casa os deixa frustrados e exaustos. Ninguém lhes disse que ser pais seria assim tão difícil, e eles culpam a si mesmos pela tensão que surge. Haviam planejado ser pais extremamente amorosos e competentes, lendo contos de fadas para seus anjinhos de pijama que, então, correriam alegremente para cama. A diferença entre a vida como ela é e a vida como ela deveria ser é desoladora. Falaremos mais sobre essa questão adiante.

Em segundo lugar, descobri que os pais de filhos dóceis não entendem os amigos que têm filhos rebeldes. Na verdade, alimentam ainda mais a culpa e a vergonha ao insinuar: “Se vocês educassem seus filhos como eu educo os meus, não estariam enfrentando todos esses problemas”. Permita-me dizer aos dois grupos que as crianças geniosas podem ser difíceis de tratar mesmo quando os pais cumprem suas responsabilidades com toda competência e dedicação. Pode levar anos para instilar numa criança desse tipo uma atitude relativamente cooperativa e obediente dentro da família; aliás, uma criança geniosa pode ser um indivíduo genioso a vida inteira. Apesar de ser possível e necessário ela aprender a respeitar as autoridades e viver em harmonia com os outros ao redor, sempre terá um temperamento agressivo. Não se trata de algo negativo. É simplesmente um fato. Durante os anos da infância, é importante os pais não entrarem em pânico. Não tente “consertar”

sua menina ou seu menino do dia para a noite. Trate essa criança com amor e dignidade sinceros, mas exija que ela siga sua liderança. Escolha com cuidado as questões que valem a pena ser confrontadas. Aceite o desafio que a criança lançará nessas questões e conquiste uma vitória decisiva. Recompense todos os seus gestos positivos e cooperativos oferecendo-lhe atenção, afeição e elogios verbais. Depois, tome duas aspirinas e me telefone pela manhã.

Pois bem, este é o tema de nossa discussão. Nos próximos capítulos examinaremos diferentes formas de lidar com o juvenzinho “durão”; abordagens disciplinares para cada faixa etária, motivos para ele ser como ele é e vários outros aspectos da educação infantil. Há muita coisa que compartilhar.

Antes de prosseguir, contudo, deixe-me colocá-lo a par do que foi feito de Siggie, o nosso dachshund, sobre o qual as pessoas até hoje nos perguntam. Esse cãozinho incrível viveu dezessete anos e, apesar de suas tendências revolucionárias, trouxe grande alegria a nossa família. Pouco antes de Siggie morrer, um grupo de adolescentes passou de carro por nossa vizinhança às três da manhã e jogou um pobre cachorrinho pela janela. O filhote, uma fêmea, apareceu na nossa porta na manhã seguinte, assustado, faminto e perdido. Apesar de Siggie não estar mais no auge de sua carreira, naquela época não queríamos outro cachorro. Especialmente uma vira-latas cujo pai ninguém sabia quem era. Ainda assim, não tivemos coragem de chamar a carrocinha. Enquanto tentávamos encontrar outro lar para ela, nos apaixonamos por essa criaturinha dócil e vulnerável, à qual nossa filha deu o nome de Mindy.

Mindy cresceu e se tornou o cão mais belo e nobre que já tive. Seu único desejo era fazer a vontade de seus donos. Ela não suportava nenhuma expressão de desagrado da minha parte, provavelmente um reflexo de tudo aquilo pelo que passou quando ainda era filhote. Se eu lhe dava uma bronca, ela pulava no meu colo e escondia os olhos na curva do meu braço. Não queria outra coisa senão a companhia humana. Muitas vezes, quando eu estava sentado e lendo ou quando estava estudando em minha escrivaninha, ela chegava de mansinho e colocava a cabeça no meu joelho. Devo dizer que não resisto a nenhum ser vivo carente. Quando era obrigada a ficar fora de casa, Mindy se postava perto da janela da sala de televisão e ficava olhando para nós. Minha mulher não agüentava aqueles olhos escuros e suplicantes observando todos os seus movimentos, de modo que fechava as cortinas e resmungava: “Mindy, vai fazer alguma coisa!”.

Um acontecimento ocorrido vários anos depois serviu para ilustrar a natureza dócil de Mindy. Nossa família saía de férias por duas semanas e deixado Mindy sozinha no quintal. Um garoto da vizinhança vinha todos os dias e lhe dava comida e água fresca. Assim, suas necessidades físicas estavam supridas, mas subestima-

mos a solidão que ela deve ter sentido durante aqueles catorze dias. Que outro motivo um cachorro adulto poderia ter para entrar em nossa garagem e rasgar as caixas de brinquedos que nossos filhos Danae e Ryan não usavam mais? Ela encontrou os bichos de pelúcia e bonecas que havíamos guardado há tempo e, um por um, levou-os para sua cama perto da casa. Quando chegamos a casa, Mindy estava deitada em seu cobertor, cercada dos seus oito novos “amigos”.

Eu sei! Eu sei! Nenhum cão merece toda a afeição que nossa família dedicou à Mindy. Alguns dos leitores devem estar achando tudo isso muito bobo. Porém, a meu ver, Deus criou os cães especificamente para fazer companhia e se dedicar aos seres humanos. (Sabe-se lá por que ele criou os gatos...). É surpreendente observar que a taxa de mortalidade de pessoas que perderam um cônjuge no primeiro ano é 500% menor entre aqueles que possuem um cão. Siga o meu conselho: se você precisa de uma criatura para amar, procure o abrigo mais próximo para animais abandonados e adote um filhote que considerará você o dono mais maravilhoso do mundo! Era assim que Mindy via os Dobsons.

Contudo, infelizmente ela também morreu. Certo dia, minha esposa a chamou, mas ela não veio (algo que nunca havia acontecido antes). Encontramos Mindy ao lado da casa, estirada no chão. Ela morreu de um linfoma que se espalhou pelo corpo. E assim terminou uma história de amor de doze anos entre um cão devotado e donos afetuosos. Adeus, minha doce amiga.

Compartilhei com você estas duas histórias caninas, descrevendo Siggie e Mindy, para ilustrar a diferença de temperamento entre dois animais que amávamos. Um deles estava decidido a governar o mundo; o outro era a mais feliz das criaturas simplesmente por fazer parte da família. Cada um representava um extremo do universo canino.

Espero que a analogia tenha ficado clara. Neste livro, não estamos tratando de cães, mas sim das personalidades infinitamente mais variadas e complexas das crianças. Nos capítulos seguintes, falaremos daquilo que esses temperamentos significam para os pais e como uma compreensão dessas diferenças nos ajuda a educar nossos filhos corretamente.

(A propósito, estava brincando quando disse que não sei por que Deus criou os gatos. Foi só uma piada. Verdade. Não se ofenda. Por favor, não escreva uma carta me condenando. Assim como a Mindy, eu não suporto ser criticado.)